

O MUNDO ESTÁ DIFÍCIL

por Mário Soares

1. Que futuro para a Síria?

É difícil responder. A morte anunciada do ditador Bashar al-Assad - que herdou do seu Pai, o gosto de matar os seus compatriotas - tarda em acontecer. O veto da Rússia de Putin, paralisou a ONU e a tentativa de Kofi Annan de obter um caminho de paz frustrou-se, infelizmente. Assim a terrível carnificina continua - com milhares de mortes, de ambos os lados - e a progressiva destruição de um País, que contava no universo árabe, vai-se consumando, sem que o resto do Mundo lhe acuda. Uma tragédia que vai contra os Direitos Humanos e o humanismo tão apregoados pelas Nações Unidas. Pior do que nos ominosos tempos da "guerra fria"...

2. A Rússia em Mudança

O jornal Vanguardia de Barcelona publicou um dossier sobre "A Rússia em Mudança" que é extremamente interessante e que a nós, europeus, interessa muito. É óbvio que o comunismo desapareceu - embora se manifestem, de vez em quando, alguns saudosos do antigo regime - mas a democracia ainda é demasiado musculada, para o gosto europeu. Vladimir Putin e Dmitri Medvedev são a dupla do poder que vai mudando: Putin, Presidente e Medvedev Primeiro-Ministro ou vice-versa... O capitalismo de casino que substituiu o comunismo, depois de Gorbachev e Yeltsin, criou imensas desigualdades, muita corrupção e interesses sociais, regionais e empresariais profundamente diversificados e em luta mais ou menos aberta.

Putin, formado no KGB, é um político duro e que creio não acredita muito nos valores da democracia. Medvedev é, ou parece ser, mais flexível e partidário do pluralismo político.

Seja como for, houve uma melhoria na Rússia mas uma grande baixa de natalidade. Os grandes recursos de hidro- carburantes do Ártico - com grandes reservas - não serão eternos. A classe média tem vindo a despertar e manifesta-se, mas há uma crise latente de tipo político, religioso e étnico que não está, ao que parece, resolvida.

No mundo global, em que vivemos, a política externa russa - a Rússia ingressou no G8, mas não conseguiu, com isso, grandes resultados - não mudou sensivelmente. As relações com os Estados Unidos não melhoraram, nem com os países chamados emergentes, e a estratégia em relação ao Médio Oriente está longe de ser um sucesso, como se tem visto em relação à Síria, cujo veto vai custar caro à política externa russa e à sua presença na ONU.

3. Espanhóis, nossos irmãos

Patriota confesso, sempre me considerei amigo de Espanha e grande admirador da sua Cultura e Arte. Essa posição fortaleceu-se após a Revolução dos Cravos e da Transição Democrática Espanhola, que segui de perto. Desde então, as relações dos dois Estados Ibéricos tornaram-se muito próximas - sobretudo depois da integração, no mesmo dia, na CEE - e os antigos preconceitos anti-espanhóis e anti-portugueses desapareceram da sociedade portuguesa e espanhola. Iniciou-se uma nova época.

Veio então a crise financeira que atingiu primeiro Portugal - e antes a Grécia e a Irlanda - e depois a Espanha e a Itália. A falta de intervenção das instituições europeias - e dos seus dirigentes - complicaram tudo. No entanto, a Espanha e a Itália, são duas grandes economias europeias e a França, nas últimas eleições presidenciais, trocou Sarkozy por François Hollande, socialista, com uma visão diferente para vencer a crise, o que tem obrigado a Chanceler Merkel a flexibilizar as suas posições.

As próximas semanas dir-nos-ão até que ponto a União Europeia mudará de política, para defesa do euro e se dará um passo em frente, de tipo federal.

Entretanto, Mariano Rajoy, o novo primeiro-ministro de Espanha, ultra-conservador, mas com algum bom senso, apesar das imensas dificuldades de dinheiro, tem recusado que uma Troika entre em Espanha e que os burocratas que a integram façam os estragos habituais. Pelo contrário, tem em unísono com o presidente Monti, procurado obter os auxílios europeus necessários.

Surgiu, no entanto, uma questão institucional séria: os espanhóis estão a manifestar-se, furiosamente, dados os cortes de que têm sido vítimas. O que cria, no plano social, grandes problemas. E, pior do que isso, os catalães, num furor nunca visto, desceram à rua, cerca de 2 milhões, a reclamarem a independência da Catalunha. Mais do que isso, Artur Mas, presidente da Generalitat, quer um referendo para que os catalães se pronunciem em favor da independência. Num Estado com 17 autonomias o contágio que daí poderá resultar é algo de grave e de perigoso.

José Bono, ex-Presidente do Congresso, numa entrevista ao El País disse que o ex-Presidente Pujol "preparou a separação, com uma bandeira própria, a língua e o ensino"... e Juan Luis Cebrian, num artigo do mesmo periódico disse: "A singularidade da Catalunha só pode vertebrar-se num Estado federal". E acrescentou: "se quisermos afrontar devidamente as três crises de que padecemos: a crise económica, a institucional de Espanha e a da construção da Europa".

É certo. Mais do nunca - em momento de dificuldades sérias - Portugal e Espanha devem ser solidários.

4. A União e a Zona Euro

As políticas de austeridade deram o que tinham a dar: aumentam a recessão dos Estados; e fazem crescer em flecha o desemprego. Além de destruírem tudo o que é social: do serviço de saúde ao ensino público, à dignidade no trabalho, etc. Desse modo estão a por em causa a própria democracia, os Direitos Humanos e a conduzir os Estados, que de soberanos já têm pouco, para perigosos conflitos de vária ordem. A crise do capitalismo do início do século (1929) conduziu à segunda Guerra Mundial. Não o esqueçamos!

Mas será que há alternativas às medidas de austeridade? Os neo-liberais dizem que não, porque os Estados não têm dinheiro. O que é falso. O dinheiro fabrica-se quando é preciso. Vide o que acontece com o dólar. O problema não consiste na falta de dinheiro, como dizem os economicistas, mas sim nos mercados e nos paraísos fiscais. Quando os mercados deixarem de comandar os Estados e, pelo contrário, os Estados dominarem os mercados - e as negociatas que têm por detrás - tudo se resolve num ápice. É o que os políticos negociatas - obreiros da crise - não querem ver, porque são os responsáveis do estado em que se encontra a Europa da zona euro.

A crise vai passar? Hollande não é Sarkozy e a Senhroa Merkel - como aliás o Banco Central Alemão e o Banco Central Europeu - estão a dar sinais de mudança. Como vários outros Estados europeus. Senão, será a catástrofe das catástrofes. O capitalismo de casino e a globalização desregulada têm de ser eliminados, para benefício da Humanidade.

5. E o actual Governo português?

Não podia estar pior: está moribundo. Tem toda a sociedade portuguesa contra ele, com raras excepções. As Forças Armadas e as Forças de Segurança, os trabalhadores no desemprego e os que ainda estão a trabalhar, a classe média (que está a ser destruída), os médicos e os enfermeiros, os professores, os empresários falidos e alguns dos que ainda não faliram, os jovens cientistas sem emprego (que o Governo aconselhou que emigrassem!), os agricultores, os estudantes, os pescadores, os funcionários públicos, os autarcas, os pequenos e os médios empresários e alguns dos ricos, etc. Nunca houve um consenso tão amplo contra qualquer Governo desde o 25 de Abril.

Os ministros deste Governo não podem sair à rua, com medo de serem vaiados. Entram pelas traseiras para fugirem aos gritos dos populares e mesmo assim não escapam. Falam agora numa remodelação ministerial. Mas onde vão buscar quem os queira substituir? Os próprios empresários de sucesso manifestam-se zangados com a política do Governo que, realmente, não tem sentido nem senso. Viu-se com as manifestações que se sucedem em que os militares, os polícias e os guardas republicanos participaram activamente. São sintomas impressionantes e que não devem ser ignorados.

A ideia da Taxa Social Única - que o Dr. António Borges, do alto da sua sabedoria, continua a achar excelente - foi o rastilho que lançou o fogo ao País de norte a sul e à indignação de toda a gente. O Primeiro-Ministro foi obrigado a dar o dito pelo não dito, abrindo uma brecha clara na Coligação, que no Governo também, como se tem visto, não se entende. Mas o Governo mantém-se, embora os gritos de "demita-se!" se repitam por toda a parte. Até quando? Não creio que vá além do debate do Orçamento para 2013. Até Salazar disse, um dia, para tirar partido da frase: "Não é possível governar contra a vontade persistente de um Povo"...

O Povo Português sente que o actual Governo só vê números (confusos) e a sua ideologia de base: o capitalismo neo-liberal ou de casino que, em toda a parte, deu o que tinha a dar. Barack Obama vai ser reeleito - não tenho dúvida - e isso vai ser o golpe fatal. A União Europeia vai procurar outro caminho, não tem outro remédio. E o actual Governo que tem estado a destruir o Estado Social e a vender a retalho tudo o que é património nacional, não tem outro caminho que não seja demitir-se, antes que o expulsem, deixando uma má memória.

Lisboa, 2 de Outubro de 2012